

A CONSTRUÇÃO “ACONTECE QUE” E A MUDANÇA LINGUÍSTICA

Karina da Silva Corrêa

Orientadora: Nilza Barrozo Dias

Mestranda

RESUMO: O presente trabalho tem o objetivo de apresentar o fenômeno da mudança linguística na construção “acontece que”. Com base na linguística funcionalista, utilizamos os pressupostos teóricos da mudança linguística (MARTELOTTA, 2011; BYBEE, 2015) e da gramaticalização (MARTELOTTA, 1996; BYBEE, 2003, 2015; HEINE, 2003). Buscamos identificar “acontece que” como construção, identificar o processo de gramaticalização passando a ser um operador argumentativo e apresentar as principais funções desta categoria. Com base na fundamentação teórica aqui apresentada, a pesquisa em andamento, em uma perspectiva pancrônica e pautada no método misto, pretende observar os micropassos da mudança linguística e verificar o uso da construção em estudo na contemporaneidade como operador argumentativo. Com este trabalho, buscamos contribuir com os estudos de mudança linguística, reforçar os princípios de que a mudança é inerente à língua e de que a mudança ocorre no uso. O presente trabalho está em fase inicial de desenvolvimento e, por isso, não apresenta resultados de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: construção, funcionalismo, mudança linguística.

Neste artigo, apresentamos algumas propostas teóricas que são utilizadas no estudo da mudança linguística no uso da construção “acontece que”. O uso de tal construção representa o fenômeno da mudança linguística através do processo de gramaticalização uma vez que há mudança de função, com permanência de forma.

A pesquisa é baseada na linguística funcionalista já que observa a mudança da língua em uso. O funcionalismo é uma teoria que, além de estudar aspectos estruturais e formais da linguagem, tem como objetivo principal observar o funcionamento da linguagem através de uma situação real de comunicação e leva em consideração fatores linguísticos, ou seja, inerentes à língua, e os fatores extralinguísticos, os quais fazem parte o contexto de

comunicação de cada situação de interação, os papéis dos interlocutores, as estratégias de comunicação e a intenção do usuário da língua ao se comunicar.

A partir das décadas de 60 e 70, os estudos funcionalistas passam a investigar a relação do par forma e sentido no uso linguístico e também se iniciam os estudos de mudança e, conseqüentemente, os estudos de gramaticalização e gramaticalização de construções. Isso ocorre pelo fato de que ao observar a estrutura e o funcionamento da língua em situações reais de uso, é possível verificar que a língua não é usada da mesma maneira se comparado um texto do século XVI com um texto do século XXI, por exemplo. Até mesmo num mesmo século é possível detectar pequenas diferenças de uso.

Essas diferenças que encontramos ao analisar dados de uso são mudanças que ocorrem no uso do sistema linguístico visto que “por ser um instrumento de interação entre os indivíduos dentro de uma comunidade, as línguas naturais tendem a variar e a mudar com o tempo” (Materlotta, 2011, p. 16), ou seja, a língua muda ao passo que as necessidades dos usuários mudam e de maneira gradual, ao longo do tempo.

Para a discussão de mudança linguística utilizamos os estudos de Martellotta (2011) e Bybee (2015). Em seguida, apresentamos algumas definições de gramaticalização e gramaticalização de construções, com destaque para os trabalhos de Martelotta (1996), Heine & Kuteva (2007) e Traugott (2008). Por fim, discutimos “acontece que” como construção e as funções de um operador argumentativo.

MUDANÇA LINGUÍSTICA

Pesquisas relacionadas à mudança linguística estão aumentando dentro da linguística funcionalista, teoria a qual estuda a língua a partir de seu uso concreto, observa aspectos linguístico, extralinguísticos e analisa os contextos em que os itens linguísticos são utilizados em situações reais de comunicação.

A mudança é inerente à língua uma vez que a língua não é rígida, mas está em constante evolução e sofre mudanças gradualmente, com o passar do tempo. Martelotta (2011) aponta que as línguas são mutáveis, essencialmente dinâmicas por natureza e que as mesmas funcionam através e pela mudança.

Segundo Bybee (2015), a língua é uma ferramenta social e mutável e através dela é possível entender sua estrutura e sua forma. Mais que isso, a mudança criou a língua do

passado e cria a língua do presente. Assim, estudar as mudanças linguísticas nos ajuda a identificar os fatores que a criam e a compreender como se dá o processo de sua evolução.

A língua é um sistema de comunicação que fornece opções de escolhas aos falantes, fato que demonstra um caráter adaptativo para a língua visto que podem apresentar construções alternativas para padrões gramaticais. Um exemplo dado por Martelotta (2011) é a opção de que o falante tem de se comunicar de maneira formal ou de maneira informal, dependendo do contexto comunicativo. Além disso, através das habilidades cognitivas, o falante faz uso dos recursos disponíveis na língua, adaptando-os a diferentes contextos e atribuindo novos usos aos itens linguísticos (MARTELOTTA, 2011).

Os tipos de mudanças podem ser identificados em diferentes línguas e é possível encontrar diversas evidências para buscar compreender os processos de mudanças que diversas línguas sofrem ao longo do tempo. A evidência mais comum e utilizada por linguistas no que tange a mudança linguística são estudos realizados através da comparação de dois diferentes períodos de uma mesma língua (BYBEE, 2015). A partir da comparação de uso entre períodos distinto é possível identificar as diferenças estruturais e formais da língua.

A comunicação de falantes de uma comunidade através de uma língua é o que mantém as mesmas características da língua fixas por alguns períodos visto que possibilita o entendimento entre os usuários da língua compartilhada. Bybee (2015) comenta que a mudança das palavras e de construções de uma língua ocorre, de modo gradual, no uso e por causa do uso linguístico. Ou seja, ao passo que falantes se comunicam e interagem entre si por meio de língua, novas formações de palavras e construções surgem e se convencionalizam na língua.

Bybee (2015) apresenta algumas tendências que motivam a mudança linguística. O uso da língua envolve uma atividade cognitiva a fim de ativar as palavras e construções que estão armazenadas na memória. Essa atividade está relacionada a atividades rotinizadas pois a medida em que uma palavra ou construção é utilizada, essa atividade se torna rotineira e automatizada na mente do falante.

Um processo semelhante ocorre com a repetição de um uso linguístico. A repetição pode causar redução sonora ou semântica de palavras, sentenças ou expressões. Além da redução, a repetição de um determinado uso pode gerar mudança semântica ou pragmática e também extensão de uso para outros contextos de comunicação.

Outra evidência proposta pela autora é a formação de padrões. Através de uma experiência de uso, o usuário da língua pode aplicar esse padrão a novas experiências. Bybee

(2015) discute o fato de que o falante cria combinações de padrões ao utilizar a língua as quais são armazenadas na memória conforme seu uso e repetição. Assim, a mudança ocorre quando novos padrões surgem, quando padrões já existentes mudam suas características ou até quando alguns padrões se perdem, ou seja, deixam de ser utilizados.

A mudança linguística pode ocorrer através de dois mecanismos principais: a lexicalização e a gramaticalização. Segundo Martelotta (2011) estes são “processos graduais distintos, mas que apresentam características semelhantes no que diz respeito à direção natural da mudança que veiculam” (MARTELOTTA, 2011, p. 91). Neste trabalho, abordaremos questões relacionadas ao processo de gramaticalização.

GRAMATICALIZAÇÃO E GRAMATICALIZAÇÃO DE CONSTRUÇÕES

Através do processo da gramaticalização é possível buscar explicações sobre como e porque a língua muda e se desenvolve. O tempo, o contexto de uso e a quantidade de vezes em que uma construção é recrutada por usuários de comunidade linguística são alguns dos fatores que podem ser analisados a fim de observar a mudança de uma construção.

Na visão de Heine et al (2011) o processo de gramaticalização pode existir também sincronicamente visto que oferece um parâmetro para auxiliar no entendimento da gramática sincrônica, ao passo que Hopper & Traugott (1997) estabelecem essa divisão entre gramaticalização sincrônica e diacrônica em que o processo diacrônico analisa as fontes gramaticais e os caminhos de mudança. Por fim, Traugott (2008) define a gramaticalização como uma mudança em que os falantes utilizam partes de uma construção com função gramatical em determinados contextos linguísticos.

Bybee (2015) define o processo de gramaticalização como o momento em que novos itens gramaticais surgem a partir da mudança de uso de um item originalmente lexical que passa a ser usado como um item gramatical. Martelotta (1996) define gramaticalização de forma similar, ao dizer que

é um processo de mudança unidirecional, segundo o qual elementos lexicais e construções passam a desempenhar funções gramaticais, tendendo, com a continuidade do processo, a assumir novas funções gramaticais. Com a gramaticalização, o elemento tende a se tornar mais regular e mais previsível em termos de seu uso, pois perde a liberdade sintática característica dos itens lexicais, quando penetra na estrutura tipicamente restritiva da gramática. (MARTELOTTA, 1996. p. 193)

Assim, um item lexical assume função gramatical e um item já gramatical assume função mais gramatical, conforme a trajetória apresentada no quadro a seguir:

Item lexical > item gramatical > item mais gramatical

Para Heine & Kuteva (2007), as formas gramaticais dependem das construções às quais elas pertencem. Então, a gramaticalização costuma ser relacionada ao estudo das construções. De acordo com Traugott & König (1991), o termo refere-se a um processo histórico unidirecional no qual itens lexicais adquirem novo status com o passar do tempo. Esse novo status pode ser através de formas gramaticais ou morfossintáticas.

A gramaticalização de construções considera a língua como uma rede de construções, em que uma construção se constitui de forma e significado como pareamento, trata a gramática como forma holística e baseada no uso, construções individuais independentes, e a existência de um cline de fenômenos gramaticais, desde o geral até o idiossincrático. Para explicar o termo “construção”, Goldberg (1995) defende a ideia de que construções são correspondências de forma-significado e funcionam como unidades básicas da língua.

Tendo como ponto de partida essas premissas, na visão de Traugott (2008), o termo construção é definido como um pedaço de língua o qual é automatizado, rotinizado, armazenado e ativado pelo falante. Também de acordo com Traugott (2008), qualquer elemento linguístico pode ser considerado uma construção, desde o morfema até a cláusula, contrapondo o conceito anterior de que a construção estaria relacionada apenas às cláusulas.

Desta forma, a gramaticalização passa a ser vista não apenas como mudança de um único item lexical. Mais do que isso, a gramaticalização ocorre a partir da combinação de itens lexicais, formando construções, que são, então, gramaticalizadas e usadas em certos contextos linguísticos a fim de funcionar como um item gramatical. Após o processo de gramaticalização, a construção passa a exercer função procedural, de acordo com a atitude e intenção do usuário da língua, dentro de um contexto específico e levando em conta relações discursivo-pragmáticas.

Temos como objeto de análise deste trabalho a construção “acontece que” e podemos verificar mudanças sofridas em suas propriedades formais, estruturas e de sentido nos contextos de uso encontrados, chegando até a função de operador argumentativo. Para chegar a tal uso, a construção passou por um processo de gramaticalização, que inclui alguns

mecanismos propostos por Heine e Kuteva (2007) e Bybee (2015), quais são: a extensão, a dessemantização, a decategorização e a erosão.

Uma construção sofre a (i) extensão no momento em que seu uso é estendido e passa a ser recrutada em novos contextos, contextos estes distintos daqueles já utilizados comumente pelos usuários da língua que desenvolverão novas funções. Quando a construção é usada em um novo contexto, há perda de significado total ou parte dele, sofrendo, então, a (ii) dessemantização. Na (iii) decategorização, a construção gramaticalizada perde suas propriedades morfológicas e sintáticas e, conseqüentemente, há a mudança de sua categoria gramatical. A (iv) erosão está relacionada a perda de material fonético, podendo sofrer coalescência, quando a fusão de formas, e condensação, quando há diminuição de forma. No caso da construção “acontece que”, não observamos a ocorrência de erosão. Mas os outros mecanismos serão verificados durante a análise dos dados da pesquisa em desenvolvimento.

A CONSTRUÇÃO “ACONTECE QUE” COMO UM OPERADOR ARGUMENTATIVO

Para este trabalho, nos baseamos nos estudos de Goldberg (1995) e Croft (2001). Goldberg (1995) define uma construção como qualquer item ou sentença da língua com correspondências de forma e sentido e que construções são ligadas entre si formando uma rede. O conceito de construção pode ser complementado com a definição proposta por Traugott (2008), que considera o termo construção como um chunking automatizado, rotinizado, armazenado e ativado pelo falante. Também de acordo com Traugott (2008), qualquer elemento linguístico pode ser considerado uma construção, desde o morfema até a cláusula, contrapondo o conceito inicial de que a construção estaria relacionada apenas às cláusulas.

Com base em tais definições, observamos que a combinação do item lexical “acontece” seguido do item gramatical “que” formam uma construção visto que os dois itens formam uma construção já existente e são utilizados já em sequência pelos falantes da língua portuguesa em um primeiro contexto; houve uma mudança construcional uma vez que há um novo pareamento de forma e sentido; e a junção dos dois itens em sequência é utilizada na produção de textos em novo contexto diferente do primeiro contexto de uso.

Desta forma, analisando tal construção em seu novo contexto de uso e a partir da definição de que todo pareamento convencionalizado de forma e sentido é uma construção, cria-se um esquema simbólico o qual permite a instanciação de elementos linguísticos.

Propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas, semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais fazem parte de qualquer construção a partir dos eixos da forma e do sentido, conforme o quadro abaixo que apresenta o esquema do elo de correspondência simbólica proposto por Croft (2001).



Fonte: Croft (2001, p.18).

A partir do quadro proposto por Croft (2001), é possível estabelecer características de acordo com tais propriedades conforme a observação do uso de uma construção. O esquema em questão é dividido duas partes: a metade composta pela forma que compreende as propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas e a outra metade que compreende o sentido através das propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais.

Com base em nossos estudos iniciais consideramos o uso da construção “acontece que” como um operador argumentativo. Para a elaboração de um texto, seja ele pertencente a modalidade escrita ou falada, a presença de alguns elementos da categorial gramatical, ou seja de propriedade apenas funcional, é fundamental para estabelecer a coesão e coerência de informações que serão transmitidas com um propósito comunicativo do seu locutor para seu interlocutor.

Através de elementos gramaticais é possível conectar informações entre orações ou enunciados a fim de fazer ou manter ligações entre algo que foi informado antes e o que será

informado na sequência do discurso. Essas ligações podem ter diferentes valores pragmáticos, a depender do conector, do contexto em estiver inserido ou ainda da intenção comunicativa do usuário da língua ao fazer uso de um determinado tipo de conector.

De acordo com Koch (2009), o operador argumentativo tem as funções de introduzir um novo enunciado; indicar a força argumentativa dos enunciados; estabelecer relações pragmáticas, discursivas e argumentativas entre os enunciados; ser um dos responsáveis pela estruturação do texto através dos vários encadeamentos feitos por ele entre orações de um mesmo período, entre dois ou mais períodos ou entre parágrafos de um texto.

Ainda sobre suas funções textuais, conforme Martellota (1996) apresenta, o operador argumentativo pode ter função anafórica ou catafórica visto que faz alusão a informações já mencionadas ou a ser mencionada no discurso; pode ligar porções textuais, fazendo uma orientação lógica; e pode atuar nas estratégias argumentativas, chamando a atenção do interlocutor para as informações introduzidas pelo operador argumentativo.

Com relação a sua propriedade sintática, no nível oracional, o operador é fixo na cláusula, não havendo possibilidade de mudança posicional ou qualquer tipo de deslocamento visto que sua função é interligar elementos da oração ou orações. Quando atua no nível não oracional, a posição do operador argumentativo é, por excelência, a posição inicial do enunciado, uma vez que algumas de suas funções são introduzir um novo enunciado e encadear porções textuais. Neste caso, o operador argumentativo não pertence a oração seguinte do discurso.

Nos estudos dos operadores argumentativos feito por Koch (2009), a autora apresenta algumas relações que podem ser estabelecidas por esse tipo de conector. Uma delas é a relação de contrajunção que ocorre quando um enunciado contrapõe uma informação com orientações argumentativas diferentes ou contrárias. Neste caso, o enunciado que prevalece é o enunciado introduzido pelo conector “mas”, por excelência, ou outros de natureza semelhante, bem como “porém”, “contudo”, “embora” e “todavia” (KOCH, 2009).

No exemplo a seguir observamos a construção “acontece que”, que a partir da definição de que todo pareamento convencionalizado de forma e sentido, tem a função de introduzir um contra-argumento ao discurso, apresentando argumentos contrários para embasar um ponto de vista com relação à reforma da previdência e seus problemas.

(2)

Era nossa expectativa que uma verdadeira Reforma da Previdência viesse para combater a falta de proteção social de 40 milhões de brasileiros ou elevar o teto do Regime Geral da Previdência Social (INSS), onde mais de 60% só recebem um salário mínimo. **Acontece que** os recursos que se quer economizar, ferindo direitos, fazendo cortes e protelando a aposentadoria dos servidores, não resolvem o problema econômico da previdência do setor público e serão utilizados não para melhorar as aposentadorias do INSS, mas para pagar juros da dívida pública com os banqueiros.

<http://www.espacoacademico.com.br/027/27cvalente.htm>

Então, verificamos o uso de “acontece que” com a função contrajuntiva. A construção introduz uma informação nova que está relacionada a uma informação mencionada anteriormente no texto e fornece contra-argumentos ou justificativas para aquela informação dada antes. Assim, o autor do texto faz uso do operador argumentativo como recurso discursivo-textual para organizar o seu discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo apresentou algumas questões teóricas relacionadas ao estudo da construção “acontece que” numa perspectiva de mudança linguística, tendo como base estudos funcionalistas.

O estudo da construção “acontece que”, ainda em desenvolvimento, tem o principal objetivo de verificar o uso de “acontece que” como sendo uma efetiva mudança linguística, de identificar o processo de gramaticalização sofrido por tal construção e de verificar seu novo uso, suas novas funções gramaticais e discursivo-pragmáticas adquiridas através e pela mudança linguística.

Uma vez que a língua está em constante mudança, tal mudança se dá através da língua em uso e novas construções são criadas para atender às necessidades do usuário da língua. A pesquisa em andamento pretende aprofundar a discussão acerca da mudança linguística, colaborar com pesquisas que envolvem o processo de gramaticalização de construções e, assim, contribuir com os estudos funcionalistas e análises a partir de dados de uso.

REFERÊNCIAS

Bybee, Joan. Language change. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

Goldberg. A. Constructions: a construction approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

Castilho, Ataliba T. de. (org.). Gramática do português culto falado no Brasil. Vol 2. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

Castilho, Ataliba T. de. Nova Gramática do Português Brasileiro. São Paulo: Editora Contexto. (768 p.). 2010.

Heine, Bernd e Kuteva, Tânia. The genesis of grammar: a reconstruction. Oxford: University Press, 2007.

Hooper, Paul e Traugott, Elizabeth. Grammaticalization. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

Koch, Ingedore G. Villaça. A coesão textual. São Paulo: Contexto, 2009.

Martelotta, Mário E. Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

Martelotta, Mário E., Sebastião Josué Votre e Maria Maura Cezário (org.). Gramaticalização no Português do Brasil: uma Abordagem Funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1996

Martelota, Mário E. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In Votre et al. (org.), pp. 103-106. 2007.

Neves, Maria H. M. Gramática de usos do português. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

Traugott, Elizabeth Closs & Ekkehard König. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In Traugott & Heine (eds.), Vol. 1, 189–218, 1991.

Traugott, E. C. “All that he endeavoured to prove was ...”: on the emergence of grammatical constructions in dialogal and dialogic contexts. In: COOPER, R.; KEMPSON, R. (Ed.). Language in flux: dialogue coordination, language variation, change and evolution. London: Kings College Publications, 2008. p. 143-177.

Traugott, E. C.; Trousdale, G. Constructionalization and constructional changes. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Travaglia, Luiz Carlos (2003). “A gramaticalização de verbos” in HENRIQUES, Cláudio Cezar (org.). Linguagem, conhecimento e aplicação – Estudos de língua e lingüística. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2003: 306-321